

**SENTIDOS DA INTERVENÇÃO NEUROPSICOPEDAGÓGICA NAS
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA PRÉ-ESCOLA**

***SENSES OF NEUROPSYCHOPEDAGOGIC INTERVENTION IN LEARNING
DIFFICULTIES IN PRESCHOOL***

***SENTIDOS DE LA INTERVENCIÓN NEUROPSICOPEDAGÓGICA EN
DIFICULTADES DE APRENDIZAJE EN PREESCOLAR***

Francisco Renato LIMA/UFPI¹

RESUMO: O desafio de ensinar para a diversidade e o reconhecimento às dificuldades de aprendizagem têm se tornado cada vez mais frequente no espaço educacional, sendo identificadas desde a Educação Infantil. Caso não sejam identificadas, refletirá em problemas mais sérios nas etapas seguintes da educação básica. No campo interventivo, figura o neuropsicopedagogo, formação que se agrega a psicopedagogia, buscando compreender a relação estabelecida entre o cérebro e a aprendizagem, como vias dúbias no processo cognitivo. Neste estudo bibliográfico e de caráter qualitativo, com base na leitura de documentos legais do Ministério da Educação (MEC) e autores como Correia (2004/2006), Fonseca (1995), Smith; Strick (2001), entre outros; objetiva-se analisar as dificuldades de aprendizagem que surgem no processo educativo da pré-escola, avaliando a importância da prática docente e da intervenção neuropsicopedagógica, no desenvolvimento da criança na faixa etária entre quatro e cinco anos. No espaço escolar, o neuropsicopedagogo intervém através da compreensão das estruturas cerebrais envolvidas na aprendizagem humana, percebendo de que forma o cérebro gerencia a construção do saber humano, do comportamento emocional, o mapeamento dos transtornos neuropsiquiátricos e estímulo a novas sinapses para uma aprendizagem significativa, contribuindo para a melhoria na ação do professor e na aprendizagem da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Dificuldades de aprendizagem. Pré-escola. Prática Docente. Intervenção Neuropsicopedagógica.

ABSTRACT: *The challenge of teaching diversity and recognition learning difficulties have become increasingly frequent in the educational space, being identified since Early Childhood Education. If these difficulties are not identified, it will reflect on more serious problems in the following stages of basic education. The intervening field, the neuropsychopedagogue, a formation that is added to psychopedagogy, seek to understand the relationship established between the brain and learning, as dubious pathways in the cognitive process. In this paper, based on the reading of legal documents of the Ministry of Education (MEC) and authors such as Correia*

¹ Mestre em Letras – Estudos da Linguagem (UFPI). Graduado em Pedagogia (FSA) e Letras – Português/Inglês (IESM). Especialista em Neuropsicopedagogia Clínica e Educação Especial (IESM). Professor substituto da educação básica da SEDUC-PI. Professor de Leitura e Produção de Texto no Ensino Fundamental e Médio do Instituto Dom Barreto (IDB). Coordenador de disciplinas do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal do Piauí (CEAD/UFPI). Email: fcorenatolima@hotmail.com

(2004/2006), Fonseca (1995), Smith; Strick (2001), among others, the goal is to analyze the learning difficulties of the preschool education process, evaluating the importance of teaching practice and neuropsychological and pedagogical intervention in the development of children between the ages of four and five. In the school space, the neuropsychopedagogue intervenes through the understanding of the brain structures involved in human learning, realizing how the brain manages the construction of human knowledge, emotional behavior, mapping neuropsychiatric disorders and stimulating new synapses for meaningful learning, contributing to the improvement in the teacher's action and in the learning of the child.

KEYWORDS: *Learning difficulties. Preschool. Teaching Practice. Neuropsychological intervention.*

RESUMEN: *El reto de enseñar para la diversidad y el reconocimiento a las dificultades de aprendizaje se han convertido cada vez más frecuente en el espacio educativo, identificados desde el jardín de infancia. Si no se identifican, se reflejará en problemas más graves en las etapas siguientes de la educación obligatoria. En el campo de intervención, está el neuropsicopedagogo, la formación que se suma a la psicopedagogía, buscando comprender la relación establecida entre el cerebro y el aprendizaje, como forma dudosa en el proceso cognitivo. En este estudio de revisión de literatura y cualitativo, basado en la lectura de los documentos legales del Ministerio de Educación (MEC) y de autores como Correia (2004-2006), Fonseca (1995), Smith; Strick (2001), entre otros; tiene como objetivo analizar las dificultades de aprendizaje que surgen en el proceso educativo del preescolar, evaluando la importancia de la práctica docente y de la intervención neuropsicopedagógica, en el desarrollo de los niños de edades comprendidas entre cuatro y cinco años. En la escuela, el neuropsicopedagogo interviene mediante la comprensión de las estructuras cerebrales implicadas en el aprendizaje humano, dándose cuenta de cómo el cerebro maneja la construcción del conocimiento humano, la conducta emocional, la asignación de los trastornos neuropsiquiátricos y la estimulación de nuevas sinapsis un aprendizaje significativo, contribuyendo a la mejora en la acción del profesor y el aprendizaje del niño.*

PALAVRAS CLAVE: *Dificultades de aprendizaje. Preescolar. Práctica docente. Intervención neuropsicopedagógica.*

Considerações Iniciais

“Não devemos ter medo dos confrontos
Até os planetas se chocam e do caos nascem as estrelas”.

(Charles Chaplin)

A escola da contemporaneidade é o espaço da diferença e da confluência de culturas e da diversidade. Sob este quadro social, a ampliação e redimensão dos saberes

e das práticas educativas com vistas à identificação dos problemas de aprendizagem escolar na pré-escola e as possíveis intervenções especializadas, que levem a recuperação de aprendizagens fragilizadas e evitem um fracasso escolar nas séries futuras, configuram-se como questões fundamentais nas discussões epistemológicas da educação.

No campo interventivo, a neuropsicopedagogia desponta como campo epistemológico do saber, advindo da leitura integrada entre pedagogia, psicologia, neuropsicologia, psicopedagogia e trabalho clínico. Sua contribuição se dá pela relação estabelecida entre o cérebro e a aprendizagem, como vias dúbias no processo cognitivo. Seus estudos abrangem um vasto conhecimento das bases neurológicas da aprendizagem e do comportamento humano, por meio de estímulos contextuais que deem respostas positivas ao processo de formação do indivíduo, tomando como foco as relações intrínsecas entre atenção, funções motoras, linguagem, memória, cognição e aspectos emocionais, psicológicos e cerebrais. Ela busca ainda, compreender o processo cognitivo do sujeito aprendente, desde os primeiros anos de vida, seus impasses e as principais implicações na aprendizagem humana.

A natureza do ser humano é marcada pela individualidade e “cada criança é diferente, mas se detectada precocemente e devidamente ajudada, pode vir a ser um adulto sem problemas” (CORREIA; MARTINS, 2006, p. 01). Partindo desta realidade, entende-se que todos os alunos são diferentes, tanto em capacidades, quanto em motivações, interesses, ritmos evolutivos e estilos de aprendizagem; e todas as dificuldades de aprendizagem são em si mesmas, contextuais e relativas, por isso é necessário intervir no processo de ensino e aprendizagem, considerando que a criança constrói seu conhecimento através de estímulos e o professor é um dos responsáveis em proporcionar meios interventivos que venham sanar as dificuldades que possam surgir no processo de aprendizagem.

Nesta perspectiva, este estudo objetiva analisar as dificuldades de aprendizagem que surgem o processo educativo da pré-escola, avaliando a importância da prática docente e da intervenção neuropsicopedagógica, como fator preponderante no desenvolvimento da criança na faixa etária entre quatro e cinco anos, nos aspectos cognitivo, afetivo, social e físico.

Este estudo justifica-se pela relevância dada ao trabalho docente e às dificuldades de aprendizagem na pré-escola, buscando construir um referencial teórico-reflexivo para o pensar e o repensar às práticas e ações neste âmbito, contribuindo,

assim, para que as intervenções neuropsicopedagógicas sejam compreendidas, planejadas, articuladas e desenvolvidas, como fator positivo no desenvolvimento integral da criança atendida por esse segmento da Educação Infantil, pois segundo Smith; Strick (2001, p. 30), “as condições [...] na escola, na verdade, podem fazer a diferença entre uma leve deficiência e um problema verdadeiramente incapacitante”.

O esclarecimento sobre esta temática é favorável ao trabalho do professor (pedagogo, principalmente), com formação em neuropsicopedagogia, na medida em que seu olhar deve ser criterioso e sistêmico, consciente de sua responsabilidade na mediação de situações intencionais, analisando quais metodologias devem ser adotadas, como forma de contribuir positivamente para a superação das dificuldades de aprendizagem apresentadas pelas crianças.

A estrutura textual deste estudo atende a seguinte ordem: primeiro, caracteriza-se a pré-escola como espaço que se constrói entre o cuidar, o brincar e o educar; segundo, contextualiza-se a questão das dificuldades de aprendizagem na pré-escola, apontando para aquelas de maior incidência; terceiro, aponta-se para a importância da intervenção neuropsicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem, com foco nos processos metodológicos e os reflexos na aprendizagem das crianças; quarto, conclui-se reforçando a importância da intervenção na superação das dificuldades de aprendizagens como questão de preocupação coletiva no âmbito da Educação Infantil.

Pré-escola: aprendizagem entre o cuidar, o brincar e o educar

A pré-escola caracteriza-se como um espaço de motivação, de desafios e construção de aprendizagens que levem a criança a perceber o contexto escolar como possibilidade de criação, de oportunidades e crescimento pessoal no mundo que a cerca. Constitui-se como uma fase repleta de descobertas e adaptações, tanto para as crianças, quanto para os pais, pois significa o rompimento com um ciclo: o familiar; e o ingresso em outro: a vida escolar, em que a criança vivenciará novas dinâmicas e experiências, com o intuito de desenvolver suas habilidades básicas para a alfabetização formal e a interação social.

A educação de crianças baseia-se no princípio teórico de uma aprendizagem ativa, como elemento fundamental para o desenvolvimento pleno do potencial humano e que essa aprendizagem ocorre mais efetivamente, em ambientes que promovam

oportunidades apropriadas ao desenvolvimento. Entende-se por aprendizagem ativa, o processo dinâmico e interativo da criança com o mundo, garantindo-lhe a apropriação de conhecimentos e estratégias adaptativas, a partir de suas iniciativas e interesses e dos estímulos que recebe de seu meio social. Portanto, o principal objetivo da educação é o de estabelecer um modelo operacional flexível, com uma estrutura aberta, que garanta o suporte a uma aprendizagem significativa no desenvolvimento da criança, em qualquer ambiente em que ela esteja.

Os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (BRASIL, 2006a), apontam a caracterização específica dos ciclos básicos de formação do indivíduo: creche, pré-escola e escola. Porém, a principal diferença está no sujeito, no objeto e nas relações estabelecidas por estes:

Enquanto a escola tem como sujeito o aluno, e como objeto fundamental o ensino nas diferentes áreas através da aula; a creche e a pré-escola têm como objeto as relações educativas travadas num espaço de convívio coletivo que tem como sujeito a criança de 0 até 6 anos de idade (BRASIL, 2006a, p.17)

O documento ainda aponta para a importância de respeitar as singularidades e individualidades de cada criança: diferenças sociais, cognitivas, econômicas, culturais, étnicas e religiosas; no processo de cuidar, brincar e educar, que é o alicerce da Educação Infantil:

Assim, “educar” significa propiciar situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito, confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. “Cuidar” significa ajudar o outro a se desenvolver como ser humano, valorizar e ajudar a desenvolver capacidades (BRASIL, 1998, p. 23).

A pré-escola é, portanto, um dos primeiros espaços sociais sistematizados que a criança convive fora do ambiente familiar, por isso a preocupação deve estar centrada na interação, socialização e aprendizado, de forma dinâmica e criativa. A ação da escola precisa objetivar a promoção do desenvolvimento físico, emocional, social e cognitivo, através de situações que promovam autonomia, confiança e segurança para comunicar-se e expressar-se no meio em que vive e para que a criança sinta-se livre e espontânea

em seu processo de crescimento, ao invés de apresentar-se como barreira de excesso de disciplina e práticas exaustivas e metódicas.

Em linhas gerais, espera-se que a escola, enquanto instituição sistematizadora do saber, e neste caso, a pré-escola, cumpra com a função básica de oportunizar a criança, situações de acesso à aprendizagem de maneira formal, institucionalizada e apoiada nos referenciais de ética, cidadania e dignidade, ampliando a cultura trazida pelo aluno e a própria cultura da instituição escolar.

Dificuldades de aprendizagem na pré-escola: contextualizando o tema

As dificuldades de aprendizagem apresentam-se como um sintoma constante e real no quadro da educação brasileira e toma cada vez maiores dimensões e acentuadas discussões nas pautas de reuniões e planejamentos de ações educativas e escolares. A sociedade precisa estar atenta e acolher, com respeito e maturidade, esta realidade socioeducativa que se apresenta. Isto só será possível, mediante práticas pedagógicas interventivas e eficientes, que tornem o ensino uma proposta nova e inovadora, com sentido e significado social na vida das crianças que apresentam alguma dificuldade.

A causa das dificuldades de aprendizagem (DAs) costuma ser atribuída a condições intrínsecas a pessoa, como: a herança, a disfunção cerebral mínima, ou os atrasos maturativos; circunstâncias ambientais nas quais se dá o desenvolvimento e/ou a aprendizagem, ambientes familiares e educativos, projetos instrucionais inadequados; a combinação das anteriores em que as condições pessoais são influenciadas de forma positiva ou negativa, pelas circunstâncias ambientais, entre outras.

Desse modo, é possível identificar as diferentes formas de entender as dificuldades de aprendizagem. As explicações mais comuns, afirmam que a causa é nada mais que o resultado da influência entre a pessoa e o ambiente. De acordo com Fonseca (1995, p. 71):

Dificuldade de aprendizagem é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e do raciocínio matemático.

Na pré-escola, as dificuldades de aprendizagem evidenciam-se pelas alterações comportamentais, psicológicas e linguísticas, que podem se manifestar através de dificuldades nos conteúdos pedagógicos, na relação com o professor e com os colegas de turma e em uma menor participação nas atividades escolares, o que poderá inclusive, se transformar em um fracasso escolar nas séries seguintes, caso não haja uma intervenção eficiente, pode gerar uma exclusão social, visto que o próprio sistema social do mundo capitalista de hoje,

[...] busca cada vez mais o êxito profissional, a competência a qualquer custo e a escola segue esta concepção. Aqueles que não conseguem responder às exigências da instituição podem sofrer com um problema de aprendizagem. A busca incansável e imediata pela perfeição leva à rotulação daqueles que não se encaixam nos parâmetros impostos (BOSSA, 1992 *apud* PORTO, 2007, p. 16).

Evitar o agravamento de tal quadro, requer a participação e apoio da família, daí a importância de sua presença na infância e no desenvolvimento da criança, pois ela continua sendo a principal instituição no processo de socialização e indispensável no desenvolvimento e equilíbrio de seus membros, principalmente no acompanhamento as crianças com dificuldades de aprendizagem na fase da pré-escola, período de especial cuidado e atenção para o desenvolvimento das habilidades cognitivas.

O trabalho com crianças com dificuldades de aprendizagem ou necessidades educativas especiais é tarefa dúbia: da família e da escola, pois “as condições em casa e na escola, na verdade, podem fazer a diferença entre uma leve deficiência e um problema verdadeiramente incapacitante” (SMITH; STRICK, 2001, p. 30).

A parceria família e escola favorece o sucesso no processo de ensino e aprendizagem das crianças, como uma interface dialógica, um trabalho de parceria, compromisso e responsabilidade para o desenvolvimento de competências e habilidades, na busca por estratégias e condições favoráveis, que minimizem as dificuldades e favoreçam uma aprendizagem significativa.

Em qualquer nível de ensino, as dificuldades de aprendizagem precisam ser enxergadas, levadas em consideração, não como fracassos, mas como oportunidades desafiadoras e instigantes de serem enfrentadas por todos, na busca, não apenas de um ensino melhor, mas da qualidade de vida de cada criança, promovendo condições para que elas possam ser independentes e protagonistas de suas histórias de vida, pois para Freire (2003), o espaço pedagógico é como um texto, que deve ser constantemente

“lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”, e nesta leitura, deve haver espaço também, para uma releitura da questão das dificuldades de aprendizagem.

A escola não pode ser um mecanismo de construção de insucesso, fracassados, mas de expectativas, esperanças, que precisam contagiar as crianças, através do amor, do carinho e do respeito, pois do contrário, as dificuldades só aumentarão e serão determinantes para uma trajetória de fracasso do aluno. Não se deve pensar em culpados, pois ao se procurar os culpados por não conseguir sanar as dificuldades de aprendizagem, a família e a escola não percebem que os únicos que não têm culpa nenhuma, são as próprias crianças, as quais ficam na expectativa de aprender mais e melhor.

Uma dificuldade de aprendizagem não pode ser considerada uma deficiência, pois há um potencial para o aprender, necessitando apenas de uma intervenção adequada. Essa diferença é explicitada por uma definição publicada pela *Learning Disabilities Association of Ontario, Canadá*, (2000, p. 01 apud CORREIA, 2004): “As dificuldades de aprendizagem são discapacidades específicas e não discapacidades globais e, como tal, são distintas da deficiência mental”.

Conforme Fortes (2003, p. 12), “isoladas por altos muros e grades, ao invés de se tornarem espaço de cooperação entre as pessoas, de construção de identidades, de respeito ao pluralismo e às especificidades culturais, as escolas por vezes se transformam em espaço alheios à comunidade e aos alunos”. De modo que, se não houver uma intervenção eficaz, ainda na pré-escola, este quadro pode representar um abismo para a criança, que se sente alheia e resistente ao novo modelo de vida social que lhe é apresentado, gerando assim conflitos e dificuldades em seu processo de interação social e aprendizagem.

Portanto, as dificuldades de aprendizagem podem ser reconhecidas e identificadas como uma maneira diferenciada da criança comportar-se diante do meio no qual interage. As causas para que isso aconteça são muitas, e podem está associadas a diversos fatores, o que suscita o investimento em práticas pedagógicas interventivas e especializadas, de forma a compreender e buscar alternativas para sanar as possíveis dificuldades apresentadas pelas crianças da pré-escola, fase crucial no desenvolvimento saudável de toda a vida escolar.

Principais dificuldades de aprendizagem identificadas na pré-escola

As crianças que apresentam dificuldades da aprendizagem na pré-escola têm características próprias, que requerem um estudo e intervenção diferenciada das crianças maiores, que já frequentam os níveis mais avançados da educação básica, de forma a compreender suas causas, as “raízes” do problema, que desvelarão os rumos e as prioridades de ações a serem tomadas para, então, melhorar o processo de ensino e aprendizagem.

Na pré-escola, as dificuldades se acentuam pela expressão singular de cada criança, em sua forma de ser, estar e relacionar-se com o mundo. Cada uma em situação de dificuldade de aprendizagem requer um olhar e uma atenção mais apurada, que valorize e respeite seu tempo de aprendizagem, como sujeito sociocultural e determinado pelo contexto em que vive.

Em via desta realidade, o Ministério da Educação (MEC), tem promovido nas últimas décadas, políticas de educação especial, que buscam atender às demandas da realidade de alunos com necessidades educacionais especiais, por apresentarem alguma dificuldade de aprendizagem. A resolução nº. 2/2001 (BRASIL, 2001, p. 2), aponta os grupos que constituem a categoria de necessidades especiais, de acordo com as características e dificuldades de aprendizagem observadas pela escola no desenvolvimento de suas atividades:

Consideram-se educandos com necessidades educacionais especiais os que, durante o processo educacional, apresentarem:

I – dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos:

- a) aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica;
- b) aquelas relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências;

II – dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, demandando a utilização de linguagens e códigos aplicáveis;

III – altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes.

Esta definição ampliada de necessidades educacionais especiais é reformulada e adota-se uma ainda mais restrita, que delimita apenas a “alunos com deficiência,

transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação” (BRASIL, 2008, p. 1; 2009, p. 1).

Segundo Correia e Martins (2006), as dificuldades de aprendizagem podem ser explicadas por duas vias: uma focada nos aspectos orgânicos e outra nos aspectos educacionais. A primeira explicação é entendida como desordens neurológicas que interferem no desenvolvimento, como recepção, integração ou extensão da informação, caracterizando-se, em geral, por uma discrepância significativa no potencial estimado do aluno e aquilo que ele realmente consegue realizar. A segunda, relacionada aos aspectos mais educacionais, diz respeito a uma incapacidade ou impedimento para as habilidades de leitura, de escrita, de cálculo ou aptidões e interações sociais diversas. O conceito em uma concepção mais objetiva e aceita internacionalmente, é assim expresso pelos autores:

Dificuldades de aprendizagem específica significa uma perturbação num ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos na compreensão ou utilização da linguagem falada ou escrita, que pode manifestar-se por uma aptidão imperfeita de escutar, pensar, ler, escrever, soletrar, ou fazer cálculos matemáticos. O termo inclui condições como problemas perceptivos, lesão cerebral, disfunção cerebral mínima, dislexia e afazia de desenvolvimento. O termo não engloba as crianças que têm problemas de aprendizagem resultantes principalmente de deficiências visuais, auditivas ou motoras, de deficiência mental, de perturbação emocional ou de desvantagem ambientais, culturais ou econômicas (CORREIA; MARTINS, 2006, p. 65).

De acordo com Maluf (2011, p. 2), na pré-escola existem alguns sintomas que podem ajudar os profissionais da escola a identificarem as principais dificuldades de aprendizagem apresentadas pelas crianças. A saber:

- Persistentes problemas na área da Linguagem: de articulação, aquisição lenta de vocabulário, restrito interesse em ouvir histórias, dificuldade em seguir instruções orais, soletração empobrecida, dificuldade em argumentar, problemas em redigir e resumir, etc;
- Problemas com a Memória: dificuldades na aprendizagem de números, dos dias da semana, em recordar fatos, em adquirir novas habilidades, em recordar conceitos, na memória imediata e de longo tempo, etc;
- Atenção: dificuldade em concentrar-se em algo que não seja de seu interesse pessoal, de planejar, de autocontrole, impulsividade, atenção inconstante, etc;
- Problemas com a Motricidade: problemas na aquisição de comportamentos de autonomia (ex. amarrar os cordões do tênis);

relutância para desenhar; problemas grafo-motores da escrita (forma da letra, pressão do traço, etc); escrita ilegível, lenta ou inconsistente; relutância em escrever;

- Lentidão na aquisição das noções de espaço e tempo, domínio pobre de conceitos abstratos; dificuldade na planificação de tarefas; dificuldades na realização de tarefas acadêmicas, provas, etc; dificuldade de aquisição de de novas aprendizagens cognitivas; problemas sociais.

A identificação destas características é responsabilidade de todos que fazem parte da escola, mas geralmente é o professor que logo observa estes comportamentos na criança, já que a relação docente e discente é mais próxima, acontece na dinâmica do dia a dia, através das diferentes tarefas feitas na aula. Ao perceber algum desses comportamentos, o docente deve procurar uma orientação para saber como lidar. A equipe técnica e pedagógica precisa intervir, buscando junto à família, o apoio de profissionais especializados de outras áreas, para traçar um diagnóstico, quando necessário, de modo que a prática pedagógica possa ser revista e readaptada a nova realidade.

Estas práticas devem centrar-se no trabalho individual e coletivo. No primeiro caso, onde a criança possa sozinha, desenvolver as atividades, superando desafios e sentindo-se capaz e integrante do processo. No segundo caso, a interação social e o convívio com os colegas é o principal objetivo, que a fará compreender a dinâmica de aprendizagem coletiva e a convivência em grupo, criando vínculos de respeito e cidadania, não apenas só para a criança com dificuldade, mas para as demais, que aprenderão a conviver com a diferença e diversidade cultural.

Visto as variáveis que interferem na própria delimitação do conceito de dificuldades de aprendizagem e aquelas que têm maior incidência na fase da pré-escola, destaca-se a importância do desenvolvimento de estratégias de intervenções pedagógicas eficientes, que oportunize a todas as crianças o brincar, o aprender e o desenvolver com dignidade e igualdade de oportunidades, através da assimilação do real e da experiência vivida.

Intervenção neuropsicopedagógica às dificuldades de aprendizagem

A pesquisa das neurociências, em especial da neuropsicopedagogia, é de fundamental importância na busca por entender os processos neuropsicobiológicos,

tomando o cérebro como a fonte do aprendizado humano, todavia, mesmo em face disso, as formulações teóricas acerca da temática ainda são escassas. Por isso, cabe ressaltar que a Neuropsicopedagogia, tanto Clínica como Institucional, é um conhecimento que se origina, principalmente da Psicopedagogia, e agregando-se a esta, como uma ciência que atua em diversos contextos sociais, buscando compreender o processo cognitivo do sujeito aprendente, desde os primeiros anos de vida, seus impasses e as principais implicações na aprendizagem humana.

Depois de identificadas as dificuldades enfrentadas pela criança na pré-escola, uma intervenção deve ter como objetivos: prevenir e minimizar o fracasso nas séries seguintes, considerando que o aluno não é culpado pela não aprendizagem; e assim, fazendo um chamamento para que a escola repense sua atuação, pois

Há o perigo de a Escola, diante de qualquer comportamento divergente de seus alunos, encaminhar essas crianças para as classes especiais, sem antes realizar uma reflexão profunda sobre as mesmas. Qualquer rotulação é uma tendência reducionista, pois muitas vezes rotula-se a criança sem que sejam pesquisadas as condições em que o problema ocorreu [...] não se pode, portanto, colocar crianças em classes especiais, sem a indicação da equipe multiprofissional, cuja orientação é imprescindível (BOLETIM DE EDUCAÇÃO, 1998, p. 12).

Por esse motivo é cada vez mais frequente o surgimento de “crianças problemas”, rotuladas como incapazes e fracassadas, e esses problemas passam a fazer parte do histórico de vida da criança, e estas passam a enfrentar sérias dificuldades em qualquer ambiente em que se inseriram. Muitas vezes, as crianças com necessidades especiais, passam a ser identificadas pela característica especial, tendo assim sua identidade negada como sujeito.

Em relatório entregue ao Ministério da Educação, Correia (2006), da Universidade do Minho, enfatiza que “os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem são totalmente entregues à sua sorte, culminando o seu percurso escolar num insucesso total”.

A prática pedagógica na pré-escola com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, envolvendo crianças entre quatro e cinco anos de idade, deve ser diferenciada, adaptada ao tempo e espaço que cada um aprende. Para tanto, é necessário que o professor tenha o conhecimento e domínio de diferentes métodos e formas de ensinar, levando em consideração as múltiplas dificuldades apresentadas em uma sala

de aula heterogênea, em que cada sujeito já traz consigo uma convivência de mundo - mundos diferentes.

Visto essa diversidade, cabe ao professor promover constantes atividades de interação e respeito ao outro, que permitam o entrelaçamento entre conteúdos didáticos e experiências de vida, fazendo com que a criança sinta-se inserida e participante do processo de aprendizagem, pois a “interação entre o mestre e o estudante é essencial para a aprendizagem, e o mestre consegue essa sintonia, levando em consideração o conhecimento das crianças, fruto de seu meio” (FREINET, 2002, p. 14).

O trabalho docente deve está voltado para as potencialidades de cada criança, e não para as dificuldades, pois desta forma, acaba por rotular a criança, numa fase em que isso é injustificável, visto que estas dificuldades podem ser apenas transitórias, e se forem identificadas e houver um trabalho interventivo eficiente, logo serão superadas, pois “o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não são sempre iguais, ainda não forma terminadas, mas que vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior, é o que a vida me ensinou”, poetiza João Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas* (2001, p. 24-25).

Dentro do espaço escolar, o neuropsicopedagogo tem uma visão sobre as relações entre aprendizagem e as estruturas cerebrais, que danificadas, provocarão alguma dificuldade de aprendizagem. A priori, ele realiza as mesmas atividades estabelecidas para o profissional da Psicopedagogia, mas como sua formação vai além, ele busca intervir, através da compreensão das estruturas cerebrais envolvidas na aprendizagem humana, percebendo de que forma o cérebro gerencia a construção do saber humano, do comportamento emocional, o mapeamento dos transtornos neuropsiquiátricos e estímulo a novas sinapses para uma aprendizagem significativa.

A intervenção neuropsicopedagógica contribuirá para a melhoria na ação do professor e na aprendizagem da criança. Ambas devem ser dinâmicas e próximas da realidade, fazendo com que teoria e prática se firmem e tenha sentido para o sujeito que aprende, de maneira articulada e simultânea, buscando, através da exploração de diferentes atividades, desenvolver as habilidades necessárias, promovendo a descoberta e a inserção da criança no mundo, sem que sofra nenhuma marginalização social.

Uma intervenção eficiente deve levar em consideração, portanto, o nível de aprendizagem em que o aluno está e as possíveis condições para uma intervenção significativa, que deve ser feita coletivamente, por todos que fazem parte da escola, através de ações pedagógicas investigativas e intencionais, de modo que as situações de

aprendizagem devam ser organizadas pela construção de oficinas interativas, que atraiam a atenção das crianças às múltiplas possibilidades dos conteúdos que estão sendo ensinados, fazendo com que elas encontrem sentido, possibilidades e formas de atingirem o conhecimento.

Processos metodológicos e mediação docente

O trabalho pedagógico na pré-escola requer muita competência e compromisso por parte do professor. Exige a capacidade de instrumentalizar o conteúdo, tornando-o acessível e coerente com a realidade do aluno, levando em consideração as funções de brincar, cuidar e educar da Educação Infantil, em que as crianças devem: “ser auxiliadas nas atividades que não puderem realizar sozinhas: ser atendidas em suas necessidades básicas físicas e psicológicas; ter atenção especial por parte do adulto em momentos peculiares de sua vida” (BRASIL, 2006a, p.18).

A aprendizagem deve representar momentos de descoberta, riqueza e alegria para criança, para que ela possa desenvolver-se de maneira livre e espontânea. Aprender é um processo cultural construído pela interação e pelo diálogo entre os integrantes do processo de ensinar e aprender (professor e aluno), pois a construção do conhecimento não é transmissão ou reprodução de informações prontas, mas a problematização destas, de maneira questionadora e inquieta, levantando hipóteses, reformulando ideias, numa proposta de criar e solucionar problemas aparentemente simples, mas que podem ser reinterpretados, conforme a criticidade e leitura de mundo inerente a cada leitor, que ao realizar tal ação, gera novos posicionamentos.

O processo de ensino e aprendizagem a crianças com dificuldades de aprendizagem na pré-escola deve está pautado numa perspectiva de mudança, de transformação social, no respeito as diversidade de raça, classe, gênero ou qualquer outra distinção, como forma de legitimar um fazer pedagógico democrático. O ensino como construção social, precisa contribuir para a formação integral do ser humano, em seus aspectos físicos, motores, cognitivos, psicológicos, entre outras dimensões.

A formação de novos valores deve partir do respeito às diferenças e do aprender a conviver com o diferente. A igualdade não é o “normal”: todos somos diferentes. Há necessidade de se ver a pessoa como um todo, respeitar suas diferenças e utilizá-las para a construção de uma sociedade na qual o somatório das diferenças resulte na construção de um todo mais harmonioso e feliz. Assim sendo, todos têm a contribuir

uns com os outros para a construção de um novo homem (BRASIL, 2006, p. 12).

Apoiado neste fundamento apresentado pela Coleção “*Educação infantil: saberes e práticas da inclusão*”, conclui-se, que a legitimidade dos processos de ensino e aprendizagem na pré-escola deve pautar-se na ética e respeito, como forma de levar o educando a interpretar o mundo em que vive, dando novos rumos àquilo que vê, a partir do próprio pensamento e da linguagem; e a escola deve ser o lugar para esta provocação e inquietação sobre os problemas sociais que fazem parte e enriquecem a realidade de cada criança.

Quando detectada a dificuldade de aprendizagem da criança, o professor precisa agir de maneira ética em relação ao caso, buscando criar estratégias didático-pedagógicas que respondam com eficiência a dificuldade, que na maioria das vezes, pode ser transitória, visto que a criança está em fase de formação, ou seja, tudo ainda é muito indefinido.

O trabalho do professor da pré-escola deve estar voltado para a efetiva construção de aprendizagens, que tenha sentido e significado para o sujeito que aprende. No caso das crianças com dificuldades de aprendizagem, as situações de aprendizagem devem ser diversificadas, adaptadas às especificidades do aluno, construindo assim, um modo heterogêneo de facilitar a aprendizagem.

A proposta que se impõe é a igualdade de possibilidades, como forma de promover a inclusão de todos e em todos os setores sociais, pensando na formação de um homem capaz de apreender o mundo em que vive em condições de transformá-lo e não somente de reproduzi-lo, e essa formação perpassa pela obtenção de habilidades, atitudes e valores, que são oferecidas pelo professor, por isso é tão importante o seu processo contínuo de formação.

Considerações Finais

Em vias das leituras fomentadoras desta escrita, aponta-se para a importância da intervenção neuropsicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem na pré-escola, considerando a criança como um ser social, histórico e psicológico, e que o trabalho pedagógico nesta etapa deve basear-se numa teoria construtivista, que conceba sua

cultura adjacente, articulando-a com os saberes teóricos da escola, como ponto principal para a construção de uma educação democrática e transformadora da realidade do educando.

O fazer docente deve considerar as particularidades e as razões que causam algum déficit na aprendizagem da criança na pré-escola, fase tão importante e determinante na vida estudantil, buscando desenvolver estratégias que deem sentido a aprendizagem, conduzindo o aprendiz pelo caminho da descoberta de novos rumos do saber e potencialidades.

As breves e ainda tímidas referências sobre a atuação do neuropsicopedagogo dão, portanto, um direcionamento para sua importância no processo de ensino e aprendizagem. Reconhecida a sua relevância para a compreensão dos problemas e dificuldades de aprendizagem escolar, vislumbra-se cada vez mais, um investimento na valorização e legitimação deste profissional no âmago das ciências educativas, pois que, educar é um processo sensível e complexo, que envolve a interface de saberes múltiplos e a (des) construção de modelos pré-construídos ao longo do domínio de um sistema de ensino linear, burocrático e unilateral, e requer a participação das diferentes cadeias sociais. Este pensamento vai de encontro há uma “necessidade de passar a visão centrada só nos problemas (e, portanto, nas dificuldades) de aprendizagem às dificuldades de ensino, centrando a reflexão nos contextos para modificar objetivos e estratégias de nossa maneira de trabalhar” (ALBERTINI, 2012, p. 1), perspectiva que cunha lugar nos discursos educacionais contemporâneos.

Deste modo, é fundamental a adesão a novos conceitos e propostas de ensino e aprendizagem, com foco no atendimento as crianças com dificuldades de aprendizagem na pré-escola. É preciso superar um modelo de ensino autoritário, baseado em metodologias mecânicas e tradicionais e buscar transformar as práticas pedagógicas em caminhos livres e potencializadores, para que as crianças possam manifestar suas reais condições de aprendizagem, apoiadas em princípios e valores comprometidos com a formação integral.

REFERÊNCIAS

ALBERTINI, Giorgio. **O Projeto Málaga**: a contribuição da neurologia em um laboratório de investigação para a aproximação integrada ao desenvolvimento da criança com Síndrome de Down. Publicado em 2012. Disponível em: <

www.adiron.com.br/site/uploads/File/PROJETO%20MALAGA.doc >. Acesso em: 24 ago. 2015.

BRASIL. BOLETIM DE EDUCAÇÃO. **Um salto para o futuro**. 1998. p. 22-42.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução n. 2, de 11 de setembro de 2001. **Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília, DF, 2001. Disponível em: <
<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/CEB0201.pdf> >. Acesso em: 26 mai. 2015.

_____. Decreto n. 6.571/2008. Dispõe sobre o Atendimento Educacional Especializado, regulamenta o parágrafo único do artigo 60 da lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao decreto n. 6.253, de 13 de novembro de 2007. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 set. 2008. 1 p.

_____. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: Introdução**. 4. ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. (Coleção Educação Infantil: saberes e práticas da inclusão).

_____. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 2006a, 2v.

CORREIA, Luís de Miranda. **Problematização das Dificuldades de Aprendizagem nas Necessidades Educativas Especiais**. In: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Moinho, 2004.

_____; MARTINS, A. P. **Dificuldades de aprendizagem: que são? Como entendê-las?** Porto: Porto Editora, 2006.

FONSECA, Vitor. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: ArtMed, 1995.

FORTES, M. F. A. Juventude e escola. DOXA - **Revista Sem. do Unileste-MG**, n. 9, jan./jun. 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27. ed, São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREINET. C. **Uma escola ativa e cooperativa**. São Paulo. 2002. Disponível em: <
<http://www.novaescola.abril.com.br> >. Acesso em 24 abr. 2015.

MALUF, Maria Irene. **Entenda mais sobre a Dificuldade de Aprendizagem em crianças**. Publicado em 27 de fevereiro de 2011. Disponível em: <
<http://www.anitamulher.com.br/anita/entenda-mais-sobre-a-dificuldade-de-aprendizagem-em-criancas/>>. Acesso em: 24 mai. 2015.

PORTO, Olívia. **Psicopedagogia Institucional: teoria, prática e assessoramento pedagógico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SMITH, Corinne; STRICK, L. **Dificuldade de Aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores**. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Enviado em: Dezembro de 2016

Aceito em: Fevereiro de 2017

Como referenciar este artigo

LIMA, Francisco Renato. Sentidos da intervenção neuropsicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem na pré-escola. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 4, n. 7, p. 78-95, jan/abr, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/index> >. e-ISSN: 2359-2087.